

páginas, além de trechos do próprio Bakhtin, publicamos também trechos de Pável Medviédev⁷ e Valentin Volochinov⁸.

A perspectiva que, com Bakhtin, eu chamo "filosofia da linguagem", apresenta-se também como filosofia da escuta, escuta da palavra alheia, da sua recepção, da sua compreensão respondente, responsiva, em seus confrontos. O problema fundamental da filosofia da linguagem é o problema do outro, e o problema do outro é o problema da palavra, da palavra como voz, reconhecida como requisição da escuta.

Uma filosofia da linguagem, portanto, como arte da escuta. É por isso que Bakhtin toma Dostoiévski como modelo: Dostoiévski sabia escutar as palavras, e sabia entendê-las como vozes, isto é, em suas diferenças singulares.

A escuta não é exterior à palavra, uma adição, uma concessão, uma iniciativa de quem a recebe, uma escolha, uma gentil concessão, um ato de respeito em seus confrontos. A escuta, diz Bakhtin, é um elemento constitutivo da palavra, que não pode ser evidenciado pela linguística se não na condição de sair dos próprios limites em direção a uma metalinguística.

A palavra, ele diz em *O autor e o herói*⁹, "quer sempre a escuta, tentar a compreensão respondente, e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*; não se limita a uma compreensão que ocorre no imediato, mas passa sempre em outros lugares (de forma ilimitada). A palavra faz parte de um diálogo no qual o sentido nunca vai acabar." A pior coisa que pode acontecer à palavra é a ausência de escuta. Incluindo o querer sentir, o perguntar, o "vamos aos fatos." Não o calar, que ao contrário é próprio à condição de escuta ("o calar da escuta fala"), sobretudo quando assume a forma da escritura literária, mas o silêncio.

A escuta é a arte da palavra, o seu ofício, a sua maneira, a sua atitude, a sua prerrogativa, a sua modalidade particular. Mas, como

⁷Crítico literário e componente do Círculo de Bakhtin.

⁸Componente do círculo de Bakhtin e autor de obras sobre Psicanálise, sobre Filosofia da Música e sobre Filosofia da Linguagem.

⁹N. do t.: em português, o capítulo se intitula *O autor e a personagem na atividade estética*, in: BAKHTIN, 2003.

mostra Bakhtin, é necessária a arte verbal, a escuta literária, são necessários os "gêneros secundários", "complexos", "os gêneros da palavra indireta, objetivada, representada": é necessário o escritor, *l'écrivain* (segundo a distinção proposta por Barthes entre *écrivains* e *écrivants*) para exaltar a escuta como a arte da palavra. Aqui está a relação entre a filosofia da linguagem como arte da escuta e a escritura literária.

A relação entre língua e enunciação, entre *langue* e *parole*, não é uma relação direta, uma relação dual. Essa relação passa pelos gêneros do discurso. Cada enunciado, cada texto verbal faz necessariamente parte de um gênero do discurso. Fala-se sempre não apenas em uma determinada língua, mas também em um certo gênero do discurso. No texto de 1952-53, *O problema dos gêneros do discurso*¹⁰, Bakhtin se ocupa diretamente dos gêneros literários, com a intenção de escrever um livro sobre este argumento.

Ele distingue entre os gêneros primários ou simples, ou seja, os gêneros da vida ordinária (aqueles da representação oficial, da realidade social, dos papéis, das relações interpessoais cotidianas, da palavra funcional e objetiva) e os gêneros secundários, ou indiretos, ou complexos, que representam os primeiros: são aqueles da representação literária, da palavra indireta.

São, precisamente, estes últimos, aqueles que podem colocar em evidência, em toda a sua amplitude, a disponibilidade da palavra em direção à palavra do outro, mostrar como a palavra realmente viva da recepção da palavra do outro, da sua interpretação e da sua transmissão, da sua compreensão respondente. É por isso que— uma filosofia da linguagem e uma metalinguística, uma linguística da escuta, necessitam da relação com a escritura literária, em todos os seus gêneros e não apenas no romance. Essa redução do interesse de Bakhtin¹¹ para apenas

¹⁰N. do T.: em português, o capítulo está intitulado *Os gêneros do discurso*, In: BAKHTIN, 2003.

¹¹N. do T.: Os subtítulos *Sono un filosofo!* e *Gli anni dell'esilio*, que seguem no artigo original publicado na revista *Diogene*, não foram traduzidos por nós, visto se tratarem de trechos dos diálogos entre Bakhtin e Duvakin que estão disponíveis em português no livro BAKHTIN, 2012.

o gênero romance constitui-se um limite da interpretação corrente de seu pensamento.

SOU UM FILÓSOFO!¹²

Uma orgulhosa reivindicação de uma profissionalidade filosófica irreduzível às categorias acadêmicas

VICTOR DUVAKIN: Em 1915, você tinha vinte anos. Você ainda estudava na Universidade de Odessa, mas já estava plenamente preparado, seja filosoficamente, seja...

MIKHAIL BAKHTIN: Sim, certamente. Naquela época eu já havia adquirido as cognições filosóficas. [...]

D: Você ilustrou muito bem a sua pessoal formação científica, e também filosófica... Mas, em termos amplos, o interesse, digamos, pela Escola de Marburgo e, em geral pela filosofia, era amplamente difuso?

B. Não amplamente, não. Em substância.. nunca foi. Tratava-se de um círculo bastante restrito.

D: Além de você, quem participava?

B: Além de mim, havia uma pessoa que eu conheci melhor com o tempo e que se tornou um dos meus amigos mais íntimos. Ele havia estudado diretamente na Alemanha com Hermam Cohen. Ele morreu há muito tempo, mas até hoje a sua filha me visita.

D: De que se trata precisamente?

B: É Matvej Isaevic Kagan.

D: E vocês já não se conheciam em Odessa?

B: Não, eu o conheci bastante tempo depois.

D: Mas eu lhe perguntei quem estava com você em Odessa... que se interessasse por aquela filosofia...

¹² Mikhail Bakhtin, entrevista de Victor Duvakin

B: Apenas o meu irmão que, naquela época, também estava na universidade, tendo se inscrito em Odessa.

D: Mas você não era também um classicista?

B: Eu era já... Eu era um filósofo. Veja eu colocarei nesses termos...

D: Você era mais filósofo do que filólogo?

B: Filósofo, mais do que filólogo. Filósofo. E assim eu permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador. Bem, veja, digamos, em Petersburgo, em São Petersburgo, não havia um departamento de filosofia. O mais que se fazia era perguntar “o que é a filosofia?” Nem carne, nem peixe. Para responder é necessária uma especialização. Certamente havia um departamento no qual se ensinava filosofia, mas não de forma independente. Você quer terminar os estudos ampliando o discurso no campo da filosofia? – Avante, mas obrigatoriamente deve terminar esses estudos em um departamento que pode ser ou o Departamento de Estudos Russo, ou o Departamento de Estudos Alemão...

D: E isso em âmbito histórico-filológico?

B: Em âmbito histórico-filológico... ou no setor clássico. Então, eu, digamos, decidi pelo clássico... Precisava adquirir o diploma nos dois departamentos, porque o setor filosófico por si mesmo não constituía...

D: Não constituía a possibilidade de se ter uma profissão.

B: ...não constituía uma profissão.

D: De modo geral isso é justo.

B: Eu acho justo. No final das contas, o que é um filósofo? Um filósofo... Em termos gerais, podemos dizer que os filósofos são diferenciados em filósofos humanistas e filósofos da natureza; esses últimos são especializados em ciências naturais, em física, em matemática, além de filosofia; os primeiros em ciências humanísticas. Da escola de Marburgo também fazia parte o filósofo Cassirer...

Retirado de: Michail Bachtin, *In dialogo. Conversazioni del 1973 con Viktor Duvachin*, com organização de R. S. Cassotti e A. Ponzio, Edizioni Scientifiche Italiane, Napoli, 2008, pp. 119-120.

OS ANOS DO EXÍLIO¹³

A sua participação em círculos de discussões privadas valeu a Bakhtin uma dura condenação por “atividades antissoviéticas”: cinco anos de exílio em um campo de reabilitação através de trabalhos forçados.

MIKHAIL BAKHTIN: O meu passado me acusava uma vez que eu havia tido lições kantianas, e assim por diante. Então me culparam pelo fato de que eu tinha lições de caráter idealístico de modo não oficial. Em suma, não me acusaram nem menos do fato..., de nada. O interrogatório era em um... É necessário dizer que naquela época o GPU (a *Gosudarstvennoe Političeskoe Upravlenje*, ou Direção Política Estatal, a polícia secreta), no entanto, seguia os procedimentos de *Dzerzinskij*, ainda eram mantidos os mesmos procedimentos de *Dzerzinskij*. Por isso eu, por exemplo, não posso me lamentar: o tratamento era, no mais, digamos, correto, sob todos os aspectos.

VICTOR DUVAKIN: Eles não o reprovavam utilizando palavrões nem batiam em você?

B: Não, não! Não. Naquela época um certo Ivan Filippovič Petrov dirigia o Segundo departamento – ele mesmo havia sido, no passado, um escritor medíocre. Ele era muito correto e, com evidente simpatia, me tratava como um estudioso de literatura. E o juiz instrutor era *Stromin-Stroev*, ele também era uma pessoa séria. Algum tempo depois ambos foram fuzilados devido a relação com o assassinato de *Kirov*, porque sabiam de alguma coisa; sabiam e por isso era necessário eliminá-los – e, os eliminaram, os colocaram para fora.

D: Claro.

B: Bem, assim então, o artigo apareceu com o título *Cinzas de carvalho*.

D: “Cinzas de carvalho”.

¹³ Mikhail Bakhtin, entrevista de Victor Duvakin

para Solovki; e ainda outros daquele grupo, dos meus amigos, foram levados para Soloviki.

D: E então, tudo isso aconteceu no final de 1928.

B: Entre o final de 1928 e o início de 1929.

D: Bem Michail Michajlovič, bem, faça agora um rápido resumo...

B: Sim?

D: Quero imaginar o seu sucessivo destino. Então, em dezembro de 1928 prendem você e logo depois você é levado, não foi assim?

B: Não, não me levaram assim tão rápido. Prenderam-me, depois me soltaram...

D: Soltaram você?

B: Sim, me soltaram, mas eu estava sob investigação. Soltaram-me por causa da doença. Fui para o hospital.

D: Você ainda tinha a perna?

B: Eu ainda tinha a perna, não havia sido amputada ainda, mas já estava doente. Além disso, a minha outra perna estava com um problema em curso, evidentemente na articulação femoral.

D: Assim, então, simplesmente pela doença, com espírito, digamos, humanitário eles soltaram você?

B: Deixaram-me sair com espírito humanitário. Naquela época, em geral, tudo se fazia com espírito humanitário. Além disso, ainda existia a Cruz Vermelha Política, da qual era chefe...

D: Peškov.

B: Vinaver, sim, e Peškov.

D: Bem, bem e depois o que aconteceu, simplesmente eles resolveram te levar?

B: Simplesmente me levaram, sim.

D: Para onde?

B: Para Kustanaj.

D: Kustanaj. Cazaquistão. Cazaquistão do sul, não é verdade?

B: Não, do norte. Cazaquistão setentrional. [...] Kustanaj, um lugar totalmente perdido.

bem os exilados. E de tal modo, como se tudo isso não fosse estranho... havia se tornado inalterado. Havia permanecido essa tradição. Lá nos tratavam muito bem, no início, no início em todos os casos. Eu até me surpreendi. Naquele período havia muita fome, tudo era dado por meio de um cartãozinho, mas para nós sempre acrescentavam algo mais, acrescentavam. Chegávamos na loja e nos davam um quarto de chá ou até o dobro. Se pedíamos, nos davam dois, três, etc. Tratavam-nos muito bem.

Retirado de: Michail Bachtin, *In dialogo. Conversazioni del 1973 con Viktor Duvachin*, a cura di di R. S. Cassotti e A. Ponzio, Edizioni Scientifiche Italiane, Napoli, 2008, pp. 227-234, 290-292.

O CÍRCULO DE BAKHTIN

Nos anos vinte e trinta se veio a formar em torno de Bakhtin uma associação de intelectuais com interesse comum por uma pesquisa livre sobre temas relacionados à filosofia da linguagem. Dado o sistema de controle social rigoroso estabelecido na União Soviética durante a era stalinista, as atividades do grupo não se concretizaram em uma escola, nem em qualquer instituição formal, sempre permanecendo no nível de "círculo", ou seja, de simples discussões nas casas dos membros.

Um expoente proeminente foi Valentin N. Volochinov, que morreu em 1937, autor em 1929 do livro *Marxismo e da filosofia da linguagem*¹⁴, do qual publicamos o texto *Análise freudiana e filosofia da linguagem*. A

¹⁴As citações dos trabalhos do Círculo de Bakhtin são traduzidas por nós, acompanhadas de referências das obras na língua italiana (ou russa), e, quando disponíveis, das traduções em português. N. do T.: As indicações das obras bakhtinianas em português encontram-se nas notas de rodapé e nas referências. Ver em português: BAKHTIN/VOLOCHINOV (1929), 1990.

crença compartilhada seja por Volochinov, seja por Bakhtin de que a linguagem contenha sempre aspectos ideológicos aparece claramente no trecho que publicamos sob o subtítulo *A palavra, a voz*, retirado de seu ensaio *O freudismo*¹⁵, estudo crítico publicado em 1927. Ao círculo de Bakhtin também pertencia Pável Medviédev, que foi preso em março de 1938 e fuzilado em 17 de julho do mesmo ano, do qual, no subtítulo *Ideologia e literatura*, publicamos um trecho de seu livro de 1928, *O método formal e a ciência da literatura*¹⁶.

No entanto, definir a autoria exata destas obras é bastante difícil, seja porque foram resultados de uma elaboração, pelo menos em parte, coletiva, seja pela crença básica que estruturava a pesquisa de todos os participantes do círculo, a tese do caráter essencialmente "semioutro" da palavra, de cada expressão linguística e literária.

RESPONSABILIDADE E IMPOSTURA¹⁷

A crise atual da filosofia é devida ao abuso de categorias totalizantes que escondem a singularidade de cada evento e de cada ação.

Por uma consciência participante e exigente é claro que o mundo da filosofia contemporânea, o mundo teórico e teoretizado da cultura, é, em um certo sentido, real, possui validade, mas é igualmente claro que tal mundo não é aquele mundo singular no qual essa exclusivamente vive e no qual o seu ato responsabilmente se cumpre.

Esses dois mundos não se comunicam entre si, e não há nenhum princípio que sirva para incluir e envolver o mundo válido da teoria e da cultura teoretizada no existir-evento singular da vida. O homem contemporâneo se sente seguro, à vontade e no controle de si, justamente onde ele, em princípio, não é, ou seja, no mundo ao redor de uma área cultural e da sua lei imanente de criação. Mas se sente inseguro, carente

¹⁵N. do T.: em português, BAKHTIN, 2004.

¹⁶N. do T.: em português, MEDVIÉDEV, 2012.

¹⁷Mikhail Bakhtin

representação oculta, e cada ato nosso como um ritual, tornamo-nos impostores.

Cada representação não abole, mas simplesmente especializa a minha responsabilidade pessoal. O verdadeiro reconhecimento-afirmação de tudo do qual serei representante é um ato meu, do qual sou pessoalmente responsável. Se esse ato falhasse e eu me tornasse apenas o portador de uma responsabilidade especial, eu me tornaria um possuído e as minhas ações, separadas das raízes ontológicas da minha participação pessoal, se tornariam fortuitas em relação à unidade singular última, na qual essas ações não estão radicadas – assim como para mim não está radicado aquele campo que especializa o meu ato. Esse gênero de separação do contexto singular, a perda na especialização da participação pessoal singular, frequentemente, possuem lugar particular na responsabilidade política. Essa mesma perda da unidade singular leva a também à tentativa de ver em cada ato, em cada objeto de um determinado ato, não a concreta singularidade pessoalmente partícipe ao existir, mas o representante de um grande agregado qualquer. [...]

A crise atual é, fundamentalmente, a crise do ato contemporâneo. Criou-se um abismo entre o motivo do ato e o seu produto. [...] À base do ato se encontra a sua incorporação na unidade singular: o responsável não se reduz ao que possui caráter especialista (a política), de outro modo não teríamos um ato, mas uma ação técnica. [...] A vida pode ser compreendida a partir da consciência apenas na responsabilidade concreta. Uma filosofia da vida não pode ser outra coisa a não ser uma filosofia moral. Pode-se compreender a vida apenas como evento, e não como ser-dado. Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; e se torna, por princípio, fortuita e privada de fundamento.

Retirado de: M. Bachtin. *Per una filosofia dell'atto responsabile* (1929), trad. dal russo di Luciano Ponzio, Pensa Multimedia, Lecce, 2009, 69-71. Em português, BAKHTIN, 2010.

O CORPO GROTESCO¹⁸

A análise de *Gargantua e Pantagrue*, a célebre obra de Rabelais, oferece a Bakhtin a ocasião para indagar as características das culturas populares em relação às culturas oficiais e dominantes, a partir do modo peculiar de conceber e nominar o corpo.

No ensaio de Bakhtin *A obra de Rabelais e a cultura popular da Idade Média e do Renascimento*¹⁹ ele retorna à análise da relação entre “ideologia oficial” e “ideologia não oficial”, teorizada seja em *Freudismo* seja em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, os dois livros escritos em colaboração com Volochinov.

A sua análise é centrada em relação ao mundo medieval, ao chamado “Mundo medieval bakhtiniano”, ele volta a evidenciar o contraste entre “duas culturas” na Idade Média, a cultura oficial e a cultura popular, sobretudo aquela que se relaciona ao cômico. É interessante que Bakhtin, originalmente, tenha intitulado o seu trabalho sobre Rabelais *Rable v Istoriirealizma* (Rabelais na história do Realismo): a visão da cultura popular é, de fato, a visão realística em contraposição àquela idealizada, ilusória e distorcida da cultura oficial. E, desse ponto de vista, a obra de Rabelais é considerada como a chave para penetrar no mundo das imagens da cultura popular cômica, contraposta às manifestações culturais oficiais do mundo feudal.

O “sistema das imagens rabelasianas” é representado por Bakhtin como um lugar de coleção e de unificação dos conteúdos, das formas, dos ritos e dos espetáculos de natureza cômica difusos em todos os países da Europa medieval e do Renascimento, mas particularmente ricas nos países de origem latina e, sobretudo, na França.

Ele considera a cultura cômica medieval como “ideologia deliberadamente não oficial”, como visão dissidente do mundo e, mais ainda, como “um segundo mundo” e “uma segunda vida”, edificados ao

¹⁸ Augusto Ponzio

¹⁹ N. do T.: em português, temos a obra intitulada *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Ver: BAKHTIN, 2008.

regime existente, seja como abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Segundo Bakhtin, a festa popular medieval era “a autêntica festa do tempo, do devir, das aproximações e da renovação”; opunha-se a qualquer perpetuação, a qualquer caráter definitivo e a qualquer conclusão: “Voltava seu olhar para o futuro incompleto”. Bakhtin busca determinar os caracteres específicos dessas formas culturais não oficiais considerando-as também em relação à cultura burguesa. Por isso, analisa o realismo grotesco do sistema das imagens da cultura cômica popular da Idade Média, considerando-o em relação seja ao realismo do Renascimento, seja ao realismo moderno. Por isso, mostra, também, o contraste existente entre a paródia popular medieval e a paródia literária puramente formal da época moderna.

Como Bakhtin faz perceber no ensaio *A pré-história da palavra no romance*, a palavra paródica medieval teve também um papel importante no âmbito linguístico e cultural das épocas sucessivas. As línguas literárias europeias se ressentiram do questionamento, por parte da cultura popular, da organização hierárquica da sociedade e da influência dos gêneros derrisórios e do travestimento da Idade Média tardia e do Renascimento: contos, jogos carnavalescos, costuras de obras diversas, farsas, etc., que em um certo sentido formaram essas línguas.

A REVALORIZAÇÃO DO CORPÓREO

Particularmente interessante é, no Rabelais de Bakhtin, a análise da concepção do material e do corpóreo no realismo grotesco da Idade Média e a sua contraposição ao “material” e ao “corpóreo” da ideologia burguesa moderna. No sistema da cultura cômica popular da Idade Média, o corpóreo e o material possuem um caráter fortemente social e positivo; não se reduzem às formas egoísticas e separadas de outras esferas da vida. O corpo e a vida corpórea não são absolutamente o corpo e a fisiologia no sentido restrito e setorial das épocas sucessivas.

com “um sentido único: a morte não é outra coisa que a morte e não coincide nunca com o nascimento, o envelhecimento está separado da juventude”.

Hoje domina esta concepção do corpo definido, individual, completo, dado, isolado e estático. Mas, em relação à ideologia oficial, é funcional para a manutenção da ordem constituída, das hierarquias sociais e do poder da classe dominante, a ideologia não oficial apresenta ainda uma maior potencialidade crítica, uma maior disposição para se colocar a discussão, a pesquisa, a desmistificação, o conhecimento científico. Bakhtin evidencia esse aspecto individualizando uma relação de conexão entre a cultura cômica popular e a nova ciência experimental do Renascimento. Retorna aqui o problema da relação entre ciência e ideologia, abordado diretamente por Bakhtin e Volochinov em um capítulo do ensaio sobre o *Freudismo*.

O problema da relação da ideologia não oficial com a literatura oficial e a linguagem dominante é também a relação com a literatura científica e a linguagem da ciência. Trata-se de um problema que como aquele, da relação em geral entre estrutura social e “superestrutura”, não pode ser adequadamente estabelecido e resolvido se não sobre a base de uma teoria dos signos e da linguagem que leve em consideração, como Bakhtin propõe, os processos e as estruturas sociais da produção linguística e dos signos em sua amplitude.

Retirado de: Augusto Ponzio. *La parola e il corpo grottesco nel Medioevo bachtiniano (A palavra e o corpo grotesco na Idade Média bakhtiana)*, In: Semicerchio, Rivista di poesia comparata, XLIV, 2011, Pacini Editore, Pisa, pp. 136-141.

O SENTIDO DO DIÁLOGO²⁰

²⁰ Augusto Ponzio e Wladimir Kryszynski, docente da *Università di Montréal*, Canadá.

Frequentemente entendemos o diálogo como afirmação do eu, contraposição do outro. Mas o verdadeiro diálogo é sempre um estar envolvido, mesmo se, frequentemente, de forma contrariada.

AUGUSTO PONZIO: Para Bakhtin e Dostoiévski, em cujo romance polifônico Bakhtin encontrava representada a dialogicidade constitutiva do ser humano, o diálogo não é uma iniciativa ou uma concessão, mas uma modalidade constitutiva do eu. Não tem nenhuma relação com a acepção “diálogo” encontrada em expressões do tipo “eu sou a favor do diálogo”.

Segundo Bakhtin, o diálogo não é um ato de liberdade, de generosidade, uma relação inaugurada graças à disposição do eu. Essa ideia de diálogo como concessão, como iniciativa do eu, pressupõe a existência do próprio eu com a “sua palavra”, “a sua visão”, a “sua experiência”. O eu já está feito. Existe o eu, existe o outro, e depois se colocam em diálogo. Aqui, ao contrário, estamos dizendo que o diálogo faz parte da própria constituição do eu.

O diálogo como iniciativa do eu, como concessão do eu, como abertura da parte do eu, tem relação com o eu psicológico, o eu empírico, o eu já feito, já dado. Podemos fazer referência à fenomenologia husserliana e à crítica, da parte de Husserl, ao psicologismo e dizer que, se partimos do eu e dizemos que o eu é ator do diálogo, tomamos o eu como já feito, já constituído. Desse modo, estamos partindo de uma visão psicologista do eu.

Em contraposição a uma concepção do gênero, por outro lado bastante difundida, podemos chamar o verdadeiro diálogo de uma condição transcendental. Como afirma Bakhtin, o diálogo é a condição sem a qual o eu não pode subsistir. O diálogo não existe graças ao eu. É, ao contrário, o eu individual de cada um de nós que existe graças ao diálogo.

De tudo isso resulta claramente como esses passos evidenciem uma necessidade de se discutir a noção comumente aceita de diálogo. “O diálogo não existe graças ao eu. É, ao contrário, o eu que existe graças ao diálogo. Em relação ao eu o diálogo é condição transcendental da

P.: É um corpo que dialoga muito porque possui uma dialogicidade com o mundo não apenas humano, mas também animal, no sentido amplo do termo, e vegetal. Existem máscaras que não são monopólio dessa ou daquela cultura, mas que são encontradas em todos os lugares, são aquelas estudadas por Lévi-Strauss, ou aquelas da comédia dell'arte, ou aquelas de outras formas ditas "primitivas". Nelas se reencontram as mesmas características que podem ser resumidas para mostrar o corpo como não definido e fechado. Bakhtin diz no Rabelais que o indivíduo como nós o imaginamos (com a sua *silhouette*, perfumado, limpo, depilado, liso) possui apenas cerca de cinco ou seis séculos. Há uma passagem muito bela no livro de Ray Bradbury *Fahrenheit 451* no qual o autor diz que há livros que possuem poros e pelos. Esses livros, se vistos através de um microscópio, são cheios de poros e cheios de vida, de excrescências, de pelos. Por que em *Fahrenheit 451* os livros são queimados? Aqui o livro que é mais peloso e mais vivo, não recomposto e bem acabado é a *Bíblia*. Por que têm medo dos livros e por que os queimam? Porque as pessoas querem rostos lisos, depilados, sem rugas. Em *Fahrenheit 451*, mesmo sem se fazer referência a Rabelais, improvisamente se descreve o texto literário como um texto de excrescência e poros, um corpo grotesco, um texto dialógico. O texto literário é o texto mais dialógico que existe.

Mas isso não quer dizer que ele seja relaxado, aberto, disponível, aliás, pode ser bem o contrário. Pode se tratar de um texto irritadiço, repelente. Mas propriamente nesse seu ser irritadiço, se percebe que possui uma relação com os outros, que não consegue viver sem os outros. A intercorporeidade é, na visão de Bakhtin, a face rabelaisiana a qual corresponde perfeitamente aquela do diálogo representado por Dostoiévski. Os dois aspectos estão juntos. Para Bakhtin o diálogo de Dostoiévski é um diálogo encarnado. Aquele de Platão, ao contrário, é um diálogo desencarnado, é um diálogo de ideias. Dessa forma, em seus *entretiens*, nos quais se confrontam ideias, posições diversas, Voltaire utiliza as letras A, B e C ao invés dos nomes dos personagens, mesmo

monólogo, como nos romances de Tolstoi ou de Turgenev. Tentei, além disso, determinar o lugar que Dostoiévski ocupa na história geral da literatura. O seu significado indubitavelmente ultrapassa os limites do século XIX, nem pode ser singularmente confinado dentro dos parâmetros da literatura da modernidade. Nos romances de Dostoiévski concentra-se a experiência adquirida da humanidade em todo o curso da sua existência histórica. As origens do método polifônico, que alcança seu nível mais alto com Dostoiévski, são reencontráveis, parece-me, na antiguidade grega.

Nas obras de Dostoiévski se encontra uma pluralidade de posições ideológicas todas igualmente importantes. Nenhum autor concentrou-se em si tantos conceitos, juízos e avaliações contraditórias.

O TEMPO GRANDE

No meu livro introduzo o conceito de tempo grande. Nele habitam com iguais direitos Homero e Ésquilo, Sófocles e Sócrates. Nele também vive Dostoiévski, uma vez que no tempo grande nada desaparece sem deixar pista, tudo ressurge para uma nova vida. Com o advento dos tempos modernos tudo o que se aconteceu antes, tudo o que a humanidade experimentou, ganha conclusões próprias e se preenche de um novo sentido.

Hoje, em muitos países, os escritores estão tentando seguir as realizações de Dostoiévski. Vemos em Sartre e, acima de tudo, em Camus – em: *A Peste* e *O Mito de Sísifo*. Na nossa literatura é evidente a influência de Dostoiévski em primeiro Leonov. Em primeiro lugar seria necessário, todavia, mencionar *Petersburgo* de Andrei Bely (Andrej Belyj), um dos romances mais extraordinários do século XX.

A lacuna mais séria em nossos estudos sobre Dostoiévski é a insuficiência de pesquisa bibliográfica. O resultado não é mais do que uma eclética mistura de "vida" e "obra". Não se deve identificar o homem real

com o criador de obras de arte. A morte da velha, em *Crime e Castigo*, não justifica reflexões sobre simpatias do autor para as inclinações criminosas de Raskólnikov.

A ética da vida e a ética da criação são duas categorias diferentes, não devem ser confundidas. No livro de Bursov²², por exemplo, o limite entre elas não é definido com absoluta clareza. Parece-me que o futuro será a favor de Dostoiévski. Ele ainda não faz parte, de forma adequada, da consciência da civilização. O seu princípio de polifonia é universal, ainda que isso não signifique que a criação monológica deixe de existir inteiramente. Contudo, é certamente possível que ele se difundirá no setor da literatura de evasão.

Dostoiévski deixou um legado de problemas que não perderão a sua urgência até quando o nosso mundo deixe de existir. É no diálogo interpessoal que podemos compreender a essência desses problemas, mas, eles não podem ser totalmente resolvidos, mesmo num futuro distante.

Entrevista concedida por Mikhail Bakhtin a um jornalista polonês em ocasião do 150º aniversário do nascimento de Dostoiévski, publicada em russo (*V bol'som vremeni*) na antologia *Bachtinologija: issledovanija, perevody, publikacii*, Aleteja, San Pietroburgo, 1995. Traduzida em italiano por Margherita De Michiel, in: *M. Bachtin, Problemi dell'opera di Dostoevskij*, (1929), Edizioni dal Sud, Bari, 1997, pp. 321-324.

A PALAVRA, A VOZ²³

Dostoiévski não faz falar os seus personagens, mas fala com eles, colocando-se no mesmo plano.

O herói interessa para Dostoiévski não como elemento da realidade dotado de traços socialmente típicos ou ainda dotado individualmente de

²²O livro citado se refere à publicação: BORIS, I. Bursov, *Licnost' Dostoevskogo* (La personalità di Dostoevskij) Sovetskij Pisatel', Leningrad, 1964, nuova ed. 1974.

²³ Mikhail Bakhtin

os problemas essenciais da sociologia da palavra (de cada palavra, incluindo a artística).

A cada grupo social, em cada época, pertence uma percepção própria da palavra e um diapasão próprio de possibilidades verbais. Não é em todas as situações sociais que a última instância semântica daquele que cria pode se exprimir diretamente em uma palavra autoral direta, sem refração, incondicionada. Quando não existe uma palavra própria “última” cada intenção criativa, cada pensamento, cada sentimento, cada emoção deve refratar-se através do ambiente da palavra alheia, do estilo de outros, da maneira de outros, com quais não se pode fundir imediatamente sem reserva, sem distância, sem refração. Se um determinado grupo social possui a disposição um meio de refração de qualquer modo autoritário e depositário, dominará, então, a palavra convencional em uma de suas variedades, em um de seus graus de convencionalidade. Se, ao contrário, um tal meio não existe, dominará a palavra a duas vozes de forma pluridirecional, isto é, a palavra paródica em todas as suas variedades, ou um tipo particular de palavra semiconvencional, semi-irônica (a palavra do Classicismo tardio). Em épocas similares, particularmente nas épocas de domínio da palavra convencional, a palavra direta, intencional, sem reservas, não refutada aparece bárbara, bruta, selvagem. A palavra culta é a palavra refratada através de um *medium* autoritário depositado.

Qual palavra domina em uma dada época em um dado ambiente social, quais formas de refração da palavra existem, o que atua como ambiente da refração? Todas essas perguntas possuem uma importância primordial para a sociologia da palavra artística. Aqui, naturalmente, não fazemos acenar de passagem a esses problemas, os acenamos sem demonstrá-los, sem elaborá-los sobre um material concreto.

O DIÁLOGO COM A CONSCIÊNCIA

apenas se manifesta ao exterior, mas pela primeira vez se torna aquilo que ele é, não apenas para os outros, mas também para si mesmo. Ser significa comunicar dialogicamente. Quando o diálogo termina, tudo termina. Portanto, o diálogo, em substância, não pode e não deve terminar. No plano de sua visão do mundo religioso-utópica, Dostoiévski transporta o diálogo na eternidade, pensando-a como eterna com-alegria, com-êxtase, concórdia. No plano do romance, isso é dado como incompletude do diálogo, e, inicialmente como sua má infinitude. [...].

A ideia em Dostoiévski não está nunca separada da voz. É por isso que seria um erro a afirmação de que os diálogos, em Dostoiévski, são dialéticos. Na verdade, devemos reconhecer que a ideia autêntica em Dostoiévski é uma síntese dialética, por exemplo, das teses de Raskólnikov e das antíteses de Sônia, das teses de Aljosa e das antíteses de Ivan, etc. Uma interpretação similar é profundamente absurda. De fato, Ivan não discute com Aljosa, mas, antes de tudo, consigo mesmo e Aljosa discute não com Ivan como voz integral e única, mas se intromete em seu diálogo interior, buscando reforçar uma de suas réplicas.

Não se pode falar de nenhuma síntese; se pode falar apenas da vitória de uma ou da outra voz, ou da união das vozes onde elas estão de acordo. Não a ideia como conclusão monológica, mas o evento da interação das vozes é o último elemento tido como dado por Dostoiévski.

DIÁLOGO DE IDEIAS E DIÁLOGO DE VOZES

A esse respeito, o diálogo de Dostoiévski se distingue do diálogo platônico. Neste último, embora não seja um diálogo inteiramente monologizado, pedagógico, todavia a multiplicidade das vozes se extingue na ideia. A ideia é entendida por Platão não como um evento, mas como ser. Ser participante na ideia significa ser participante de seu ser. Mas todas as inter-relações hierárquicas entre as pessoas que se conheçam, criadas a partir de seus diferentes graus de participação na ideia, no final de tudo, são extintas na plenitude da própria ideia.

A própria comparação entre diálogo em Dostoiévski e diálogo em Platão nos parece, em geral, não essencial e improdutiva, já que o diálogo de Dostoiévski não é, de fato, um diálogo puramente cognitivo, filosófico. Mais substancial é a sua relação com o diálogo bíblico e evangélico. A influência do diálogo de Jó e de alguns diálogos evangélicos sobre Dostoiévski é indubitável, enquanto que os diálogos platônicos se encontravam, simplesmente, fora da esfera de seus interesses. O diálogo de Jó é, por sua estrutura, internamente infinito, já que a contraposição da alma – em luta, ou humildemente submissa – a Deus é compreendida como sendo irrevogável e eterna. No entanto, nem o diálogo bíblico nos oferece as particularidades mais substanciais do diálogo de Dostoiévski. Antes de estabelecer a questão das influências e das semelhanças estruturais, é necessário desvelar essas particularidades sobre o próprio material que é dado previamente.

Retirado de: M. Bachtin, *Problemi dell'opera di Dostoevskij*, (1929), traduzido do russo por M. De Michiel, Edizioni dal Sud, Bari, 1997, nuova ed. 2010, pp. 130, 138-39, 144-45, 210-212, 279- 281, 299-300. N. do T.: em português, *Problemas da Poética de Dostoiévski* Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

ANÁLISE FREUDIANA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM²⁴

O inconsciente como linguagem verbal e como expressão da ideologia social burguesa. A ênfase sobre a sexualidade e a crise do Ocidente.

Somos completamente de acordo com Freud quando ele critica a psicologia da consciência: em efeito a motivação consciente que o homem dá às suas ações não é nunca, em caso algum, a explicação científica do seu comportamento. Mas nós acrescentamos algo mais: nem mesmo os motivos do inconsciente explicam o comportamento, uma vez que, como vimos, o inconsciente freudiano, em princípio, como fato da linguagem

²⁴Valentin Volochinov é componente do Círculo de Bakhtin e autor de obras sobre Psicoanálise, Filosofia da Música e Filosofia da Linguagem.

verbal, não se distingue verdadeiramente da consciência, mas é apenas uma outra forma de consciência, sua expressão ideológica diferente.

Os razões do inconsciente que são trazidas à luz durante as sessões psicanalíticas com a ajuda do método das associações livres são, também, essas, reações verbais do paciente como o são as outras razões, aquelas comuns da consciência; se distinguem dessas últimas, como dizer, não por uma essência diferente, isto é, ontologicamente diferente, mas apenas por seu conteúdo, ou seja, ideologicamente. Nesse sentido, é possível denominar o inconsciente freudiano de “consciência não oficial”, para distingui-lo da ordinária consciência “oficial”.

De um ponto de vista objetivo, sejam as razões da “consciência oficial”, sejam as da “consciência não oficial”, estas são dadas de maneira absolutamente idêntica, seja no discurso interno, seja no externo e são igualmente não a causa do comportamento, mas seus componentes, sua parte constitutiva e integral. Para a psicologia objetiva, qualquer motivo dado pelo indivíduo humano é parte constitutiva de seu comportamento, mas não é, de fato, a causa.

Pode-se dizer que o comportamento do homem se divide em reações motoras (as ações no sentido estrito do termo) e em um discurso interno e externo (reações verbais) que acompanha aquelas reações. Esses dois componentes do comportamento humano são objetivos e materiais e, para serem interpretados, exigem que se leve em consideração fatores objetivo-materiais, seja do organismo humano, seja do ambiente natural e social.

O componente verbal do comportamento, em todos os momentos essenciais e fundamentais de seu conteúdo, é definido por fatores objetivo-sociais. O ambiente social deu ao ser humano as palavras e as associou a significados e valores definidos: o mesmo ambiente social não cessa de definir e de controlar as reações verbais do indivíduo humano no curso de toda a sua vida.

Por isso, todo o verbal (seja o discurso interno, seja o externo), no comportamento humano, não pode em caso algum ser atribuído a um

sujeito individual, apreendido isoladamente: o verbal não é uma propriedade privada e exclusiva sua, mas pertence ao seu grupo social. [...] O conteúdo de nossa consciência e da nossa psique em sua totalidade, como também as afirmações individuais separadas com as quais esse conteúdo se manifesta ao exterior é definido, em cada aspecto particular seu, por fatores sociais e econômicos.

Não alcançaremos nunca as raízes verdadeiras, substanciais, de uma certa afirmação isolada se formos procurá-las apenas dentre os confins do organismo individual isolado, ainda quando o discurso parece se relacionar sobre os aspectos mais privados e íntimos da vida de um indivíduo. Qualquer motivo que seja dado a respeito do próprio comportamento ou qualquer instância de autoconsciência que se realiza, trata-se, no entanto, sempre de um ato que deve prestar contas a alguma norma social, a uma avaliação social. Trata-se sempre, por assim dizer, da socialização de si próprio, do próprio comportamento.

Quando tomo consciência de mim, procuro olhar-me com os olhos de uma outra pessoa, de um outro representante do meu grupo social, da minha classe. Portanto, a autoconsciência, em última análise, nos conduz sempre a uma consciência de classe, da qual é reflexo e a especificação em todos os seus momentos fundamentais, essenciais. Aqui se encontram as raízes objetivas também das reações verbais mais pessoais e mais íntimas.

DECLÍNIO E EMERGÊNCIA SEXUAL

Há um setor extremamente importante do comportamento humano no qual as relações com o verbal se estabelecem com grande dificuldade e que, por isso, é particularmente predisposto a sair do contexto social, a perder a sua forma ideológica e a desenhar em um estado animal primário. Trata-se do setor sexual. A desintegração de uma ideologia oficial se reflete, antes de tudo, nesse setor do comportamento humano,

possível a sua total sexualização, quase uma nova conotação ou um “estranhamento”, como diriam os nossos formalistas. O complexo de Édipo é, efetivamente, um magnífico estranhamento da célula familiar. O pai não é o chefe da empresa, nem o filho o herdeiro: o pai é apenas um amante da mãe e o filho é o seu rival!

Essa nova e picante conotação de certos aspectos da vida que perderam o seu sentido fornecem ao freudismo um vasto público. A evidência e a indiscutibilidade das pulsões sexuais se contrapõem aqui às ambiguidades e à incerteza de todos os outros valores da ideologia social. A sexualidade se torna o supremo critério da realidade, da essencialidade. Quanto mais o homem é desprovido de classe, tanto mais fortemente sente em si a sua “nua naturalidade”, a sua “verdadeira identidade natural”.

Retirado de: V. Volosinov, *Frejdizm* (1927), tradução it. de Luciano Ponzio, *Freud e il freudismo*, Mimesis, Milano, 2005.

A SOCIEDADE DO PARÁGRAFO²⁵

A tradicional linguística burguesa não consegue dar conta plenamente da natureza social da linguagem e da escrita. Mas cada forma enunciativa, como, por exemplo, ir ao chefe quando se escreve, esconde uma relação.

Não é apenas a enunciação em sua completude que escapa às definições linguísticas, mas também as partes isoladas que, de diversas maneiras, fazem parte da enunciação-monológica. É o caso dos parágrafos, separados um do outro através do afastamento da margem. A composição sintática dos parágrafos pode ser extremamente diversa. O seu conteúdo pode conter desde apenas uma palavra a um grande número de orações complexas.

Dizer que o parágrafo deve conter um pensamento completo equivale a não dizer absolutamente nada. Na verdade, seriam necessárias

²⁵Valentin Volochinov

enunciação como um todo unitário pode lançar luz sobre o sistema da divisão em parágrafos e sobre todos os problemas análogos.

A linguística, enquanto orientar suas pesquisas sobre a enunciação monológica isolada, permanecerá privada de uma abordagem orgânica para todos esses problemas. Até mesmo o esclarecimento dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível sobre a base do estudo da interação verbal. Todas as categorias fundamentais da linguística vão nessa mesma direção. Pouco profícuas nos parecem os interesses manifestados recentemente no âmbito da sintaxe pelas entonações e também pelas tentativas conexas de renovar a caracterização das unidades sintáticas através de uma consideração mais precisa e mais diferenciada da entonação. Esses estudos só podem se tornar profícuos se associados a uma compreensão adequada das bases da interação verbal.

Retirado de: V. N. Vološinov, *Marxismo e filosofia del linguaggio*, Leningrado, 1929, tradução italiana de Luciano Ponzio. In: M. Bakhtin, V. N. Vološinov, *Parola propria e parola altrui nella sintassi dell'enunciazione* (com edição de Augusto Ponzio), Pensa Multimedia, Lecce, 2010, pp. 75-87. N. do T.: em português, BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2011.

IDEOLOGIA E LITERATURA²⁶

Não é possível analisar uma obra literária fora do contexto ideológico em que ela nasceu. Mas, por outro lado, a literatura desempenha um papel fundamental na formação dessas mesmas ideologias.

Entre as características da literatura, há uma particularmente essencial que desempenhou e continua a desempenhar um papel negativo na história da análise científica dos fenômenos literários. E foi essa característica que desviou os historiadores e teóricos de se ocuparem diretamente da literatura, impedindo assim uma correta colocação dos

²⁶Pável Medviédev - Crítico literário e componente do Círculo de Bakhtin.

problemas da ciência da literatura. Essa característica refere-se às relações existentes entre a literatura e as outras ideologias e a sua particular posição na conjunção unitária do ambiente ideológico.

A literatura torna-se parte da realidade ideológica que a envolve enquanto parte independente desta, ocupando, no âmbito da ideologia, um lugar particular sob a forma de produções verbais organizadas de tipo bem determinado com uma estrutura específica própria. Essa estrutura, como qualquer outra estrutura ideológica, interpreta a realidade de fato sócio-econômica em formação e a interpreta ao seu modo.

Ao mesmo tempo, porém, a literatura em seu "conteúdo" reflete e interpreta as outras esferas ideológicas, a ética, o conhecimento, as teorias políticas, a religião, etc. Em outras palavras, a literatura reflete no seu "conteúdo" o ambiente ideológico na sua totalidade e também faz parte dele.

Normalmente, a literatura não toma estes conteúdos éticos, cognitivos, etc., a partir dos sistemas cognitivos e éticos, nem dos sistemas ideológicos já formados, mas diretamente do processo próprio da viva formação de conhecimento, da ética e de outras ideologias. Por esta razão, a própria literatura antecipou os ideogramas filosóficos e éticos, mesmo que, na verdade, de uma forma grosseira, não suficientemente fundamentada e intuitiva. Essa se demonstra capaz de entrar no laboratório social em que esses ideogramas são criados e formados.

O artista tem um ouvido muito sensível e atento aos problemas ideológicos que surgem e se formam. Em *statu nascendi*, ele, às vezes, ouve melhor do que o cientista, do que o filósofo ou daqueles que trabalham na prática. A formação de um pensamento, de uma vontade ou de um sentimento ético, o seu progresso incerto, tateando, a pesquisa, ainda embrionária, da realidade efetiva, o seu surdo agitar nas entranhas da assim chamada "psicologia social", enfim, todo este fluxo, ainda indiferenciado, constituído pela ideologia em formação, vem refletido e interpretado no conteúdo das obras literárias. O homem, a sua vida e o seu destino, o seu "mundo interior" são sempre representados na

que se torna objeto de uma representação literária, a interpretação cognitiva, ética, política e religiosa são, contudo, a condição primeira, indispensável e insuprimível, que permite a este mundo tornar-se parte da estrutura de uma obra literária, do seu conteúdo. Não só o sujeito da obra, mas também um motivo lírico, qualquer problema ou, em geral, qualquer momento significativo do conteúdo deve obedecer a essa lei fundamental: a realidade efetiva, dada de fato, é capaz de assumir uma forma artística, desde que já tenha sido interpretada ideologicamente.

Assim, a literatura em seu conteúdo reflete o horizonte ideológico, ou seja, formações ideológicas estranhas, não artísticas (ética, epistemológicas, etc.). Ao refletir esses signos estranhos, a própria literatura cria novas formas, novos signos para a comunicação ideológica. Esses signos, as obras literárias, tornam-se, por sua vez, parte constitutiva da realidade social que circunda o homem.

No momento em que as obras literárias refletem algo que está localizado do lado de fora delas, tornam-se fenômenos do ambiente ideológico, com os seus valores particulares. A sua realidade de fato não se reduz ao simples papel técnico-auxiliar de refletir outros ideogramas. Eles têm um papel ideológico próprio independente e têm um próprio tipo de interpretação da realidade sócio-econômica efetiva, de fato existente.

Retirado de: P. Medvedev, *Il metodo formale nella scienza della letteratura. Introduzione critica alla poetica sociologica*, Leningrado, 1928, trad. dal russo di Luciano Ponzio. L'intero libro è stato tradotto dal russo da R. Bruzzese, Dedalo, Bari, 1978. N. do T.: em português: MEDVIÉDEV, 2012.

APROFUNDAMENTO

Indicamos a seguir outros textos de e sobre Mikhail Bakhtin e seu círculo, além dos referidos nas páginas anteriores.

- M. Bachtin, I. Kanaev, P. Medvedev, V. Vološinov, *Bachtin e le sue maschere, scritti 1919-1929*, a cura di P. Jachia, M. De Michiel, Augusto Ponzio, Dedalo, Bari, 1995.
- M. Bachtin, V. Vološinov, *Marxismo e filosofia del linguaggio (1929)*, a cura di M. De Michiel e Augusto Ponzio, Manni Editore, Lecce, 1999.
- M. Bachtin, V. Vološinov, *Linguaggio e scrittura (saggi 1926-30)*, a cura di Augusto Ponzio e Luciano Ponzio, Meltemi, Roma, 2003.
- M. Bachtin, V. Vološinov, *Parola propria e parola altrui nella sintassi dell'enunciazione (1929)*, Pensa Multimedia, Lecce, 2010.
- M. Bachtin, *La scrittura e l'umano. Saggi, dialoghi, conversazioni*, a cura di M. De Michiel e Augusto Ponzio, Edizioni dal Sud, Bari, 1998.
- F. Corona (a cura di), *Bachtin teorico del dialogo*, Franco Angeli, Milano, 1986.
- M. De Michiel, *Il non-alibi del leggere. Su Problemi dell'opera di Dostoevskij di Michail Bachtin*, Trieste, Università degli studi, Dipartimento di scienze del linguaggio, dell'interpretazione e della traduzione, Trieste, 2001.
- P. Jachia, *Introduzione a Michail Bachtin*, Laterza, Roma-Bari, 1992.
- P. Jachia, A. Ponzio (a cura di), *Bachtin &...*, Laterza, Roma-Bari, 1993.
- S. Petrilli, A. Ponzio, *Philosophy of language, art and answerability in Mikhail Bakhtin*, Legas, Toronto, 2000.
- A. Ponzio, *La rivoluzione bachtiniana. Il pensiero di Bachtin e l'ideologia contemporanea*, Levante, Bari, 2010.
- A. Ponzio, *Tra semiotica e letteratura. Introduzione a Michail Bachtin*, Bompiani, Milano, 2003.
- A. Ponzio, *Tra Bachtin e Lévinas. Scrittura dialogo, alterità*, Palomar, Bari, 2008.
- L. Ponzio, *Icona e raffigurazione. Bachtin, Malevič, Chagall*, Adriatica, Bari, 2008.

REFERÊNCIAS das traduções para o português.

1. BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
2. _____. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3-192.

